

CONCELHO DE MONTALEGRE

AUTO DA PAIXÃO

RITUAIS E COSTUMES

.....

A religiosidade popular modela a vida pessoal e social de quem nasceu e vive à “sombra” da religião. Valores cristãos confundem-se, assim, com valores humanos que permanentemente comandam a vida. Ao longo dos tempos, as gentes de **Vilar de Perdizes** sentiram a necessidade de publicamente mostrarem a sua crença e fé através da representação teatral da Paixão de Jesus Cristo, na sexta-feira santa, acontecimento esse cheio de religiosidade e que se repete em períodos varáveis: de cinco em cinco anos ou mais. 37 atores (falantes) não profissionais; vários soldados romanos; muitos figurantes, num total de 132. O historial desta representação, tal qual se faz em Vilar de perdizes, perde-se no tempo remoto, mas algumas marcas que conseguimos confirmar levam-nos seguramente para os finais do séc. XIX. No filme Terra de Abril de Philippe Costantini e Anna Glogowski, filmado na aldeia e realizado em 1977, uma das pessoas entrevistadas, refere o nome “Ti Perafito” como um dos ensaiadores mais antigos que conheceu (anterior a 1887). Terra de Abril acompanha os preparativos e a representação de um Auto Paixão de Jesus Cristo, que são intercalados com outros aspetos do quotidiano da povoação e dos seus habitantes. Testemunhos presenciais e ainda vivos, recordam nomes de ensaiadores e naturais da aldeia, desde 1920: José Augusto “Vidinha”, Ti Zé Barroso; Alberto “Vidinha”; António Rito; Augusto Rito e Luís Chaves.

Como cultura popular, de cariz religioso, em representação teatralizada, é, com certeza, o maior espetáculo que se realiza em Portugal: sem atores profissionais, com envolvimento de todos os habitantes, num esforço hercúleo e dedicação pessoal. Preparam-se e decoram-se os textos, ensaia-se desde outubro/dezembro, monta-se e decora-se o espaço teatral, ao ar livre, numa encosta com vista deslumbrante para a aldeia, pensam-se e executam-se adereços, costuram-se roupas dos atores e figurantes, montam-se bancadas amovíveis. Tudo isto com uma dedicação e entusiasmo de pasmar! O Auto da Paixão, conforme se realiza em Vilar de Perdizes, mobiliza uma multidão de pessoas, portuguesas ou espanholas das aldeias vizinhas, emigrantes que, propositadamente, se deslocam dos vários países onde vivem, amigos e conhecidos das gentes da aldeia: todos movidos pela fé e religiosidade que envolve o espetáculo, pela curiosidade e vontade de descobrir diferenças com outras realizações anteriores, pela grandiosidade que tem sido conseguida, pelo rigor e apego aos textos antigos, pela beleza do cenário natural em que tudo decorre.

O texto base da representação, em verso, remonta a 1593, da autoria de Francisco Guimarães, editado em Évora por Manuel de Lyre. A edição que serve de base em Vilar de Perdizes remonta ao ano de 1659, impressa em Lisboa, na oficina de Domingos Carneiro. Ao longo dos tempos sofreu adaptações e acrescentos, salientando-se longas passagens extraídas da obra “O Mártir do Gólgota”, de Henrique Pérez Escribá, nascido em 1829, em Valência.

